

Interação de entrevistados com a pesquisa e a situação da entrevista: assimetria, reflexões geradas e mudanças de práticas

Interviewee and interviewer interaction in a research situation: asymmetric relation, arising reflexions and changes in practice

Fernanda Kistler Vidal

Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES-UFRJ)

fernanda_luise@ufrj.br

Luiz Augusto Rezende Filho

Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES-UFRJ)

luizrezende@ufrj.br

Resumo

A interação entre os sujeitos de uma pesquisa e a própria pesquisa e seus pesquisadores, além de gerar expectativas e tensões, também estimula a reflexão e a produção de saberes, por todos os envolvidos. Este trabalho apresenta algumas observações feitas sobre o processo de construção e desenvolvimento de relatos orais (entrevistas), realizados para compreender melhor a prática docente utilizando recursos audiovisuais em aulas de Ciências e Biologia. Quatro professores de ciências/biologia foram entrevistados e foram identificadas falas que sugeriam preocupações com o evento e uma relação assimétrica entre eles e a entrevistadora. Além disso, algumas falas sugeriram reflexões iniciadas por causa da pesquisa, e novas construções cotidianas em sua prática docente como resultado delas.

Palavras-chave: entrevista, relatos orais, educação em ciências, recursos audiovisuais

Abstract

The interaction between a researched person and the research itself plus its researchers produces expectations and tensions, but also stimulates reflection and knowledge production, for all involved people. This paper presents some observations on the oral interview building and development process, conducted in order to understand the teachers' practices using audiovisual resources in Science and Biology classes. Four science/biology teachers were interviewed and in their speeches, elements suggesting concerns about the interview and an asymmetrical relation between them and the interviewer were identified. Moreover, some statements suggest reflections motivated by the research, and as a result, new daily buildings in their teachers practice.

Keywords: interview, science education, audiovisual resources

Introdução e contextualização

Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado do primeiro autor, realizada entre 2008 e 2010 sob orientação do segundo autor, em que foram investigadas práticas docentes com recursos audiovisuais (RAV), no contexto da Educação em Ciências em espaços formais.

Entendendo a prática docente com o uso de recursos audiovisuais como um saber docente (TARDIF et al., 1991), a pesquisa investigou construções cotidianas dos professores de Ciências e Biologia relacionadas a este tipo de atividade, a produção de saberes e maneiras de fazer inventadas a partir das situações com as quais os professores se deparam, utilizando como base os estudos do cotidiano propostos por Michel de Certeau (1994, 2008). Neste trabalho, são apresentadas algumas percepções dos pesquisadores com relação ao processo de construção das entrevistas e seu desenvolvimento, no que se refere à interação dos participantes.

Foram sujeitos dessa pesquisa professores recém-formados (2005-2008) pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Após um levantamento prévio dos egressos lecionando, foi aplicado um questionário semi-estruturado de 22 questões, respondido por dez professores (seis homens e quatro mulheres), com o objetivo de levantar informações sobre frequência, duração e objetivos das atividades com RAV, tipos mais utilizados, critérios de seleção, fontes de obtenção e infraestrutura escolar, bem como caracterizar os sujeitos e sua experiência de trabalho. Para aprofundar e esclarecer determinados pontos do questionário foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, os relatos orais.

Os relatos são entendidos por Michel de Certeau (2008) como a forma de perceber o cotidiano dos praticantes. Segundo o autor, os relatos mostram as manipulações dos espaços, exibem as operações, narram, com efeito, inversões e deslocamentos. “Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço (...) tem a ver com as práticas cotidianas, faz parte delas” (p.200). “Os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer” (p.207). Por isso, os relatos oferecem um imenso corpus e um campo muito rico à análise (CERTEAU, 2008). Por esta razão, os relatos orais (entrevistas) foram escolhidos para a identificação das práticas cotidianas com vídeo dos professores de ciências, suas “maneiras de fazer”, procedimentos, atitudes, decisões quando do uso de RAV, bem como a participação dos diversos saberes envolvidos.

Quatro sujeitos da pesquisa foram entrevistados, escolhidos dentre os respondentes do questionário, por sua disponibilidade em participar desta etapa, aliada à maior facilidade de coincidir horários e locais para o encontro presencial. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise. Foi realizada uma análise de conteúdo temática, como proposta por Minayo (2008).

Os quatro professores de ciências entrevistados estavam formados há no máximo três anos pela UFRJ, sendo três professoras (B, Q e M) e um professor (E). As entrevistas duraram cerca de uma hora cada (média de 55:30 minutos), com durações de 36:38 minutos (Q), 52:06 minutos (E), 59:42 minutos (B) e 74:26 minutos (M). As entrevistas foram realizadas entre janeiro e maio de 2010, na capital e no interior do Estado do Rio de Janeiro.

Os professores E e B trabalham há quase três anos, desde 2007, enquanto Q e M iniciaram em 2009. Todos trabalham em escolas públicas e começaram a trabalhar quando foram convocados para tomar posse de concursos prestados (Municipal, Estadual ou Federal). Somente M não trabalha também em escola particular e Q é a única funcionária do Estado. Todos atuam no Ensino Fundamental, E e B também no Médio em particulares. B, E e M também são tutores do Consórcio CEDERJ, do curso semipresencial de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Antes de iniciar a gravação, foi explicado para cada entrevistado o contexto da pesquisa, o que seria considerado como Recurso Audiovisual e o que está excluído desta análise, e então solicitada permissão para gravar em áudio. A primeira parte consistiu em uma caracterização profissional do sujeito, sinalizando tempo de docência e locais de trabalho.

Utilizando como base o trabalho de Zimmermann & Silva (2009) e sugestões dadas, as entrevistas foram constituídas de três eixos, com blocos de perguntas por temas. O roteiro semi-estruturado foi composto por perguntas que possuíam algumas formas textuais previstas, admitindo variações em decorrência das respostas e relações estabelecidas ao longo da entrevista, como relatado por Almeida (2007 apud ZIMMERMANN & SILVA, 2009). De forma semelhante, as perguntas de cada eixo não foram necessariamente feitas juntas, ou em ordem, pois ao longo das falas, muitas vezes uma questão era suprida, ou mesmo gerava outras.

O primeiro eixo, “práticas cotidianas”, objetivava identificar como os recursos audiovisuais são usados em sala de aula, estratégias e táticas praticadas, resistências e subversões, dificuldades e estímulos para a prática, além das concepções de vídeo envolvidas. A primeira pergunta do questionário foi aberta, permitindo que o entrevistado seguisse diversos caminhos, que iniciariam a conversa e encaminhariam as outras questões. O segundo eixo, “Relações com a imagem”, buscava identificar, por meio das respostas, como os professores entendem a imagem e o que é exibido na televisão, em relação à representação da realidade. O terceiro e último eixo, “Histórico individual relacionado aos RAV”, teve o objetivo de perceber a vivência pessoal dos sujeitos com os recursos, levantar experiências e situações marcantes e como elas podem ter influenciado sua prática. A primeira pergunta deste eixo, que solicitava que o professor falasse sobre “sua formação”, foi construída de forma aberta, permitindo que o entrevistado respondesse tanto sobre a formação pessoal em casa, com a família, sobre a formação profissional. Dessa forma, pudemos também identificar o que o professor considera mais importante/ presente (o que pesa mais) para sua prática docente, mesmo que isso não seja explícito.

Compreendemos que a linguagem não é transparente, e que as condições de produção de discurso, como a situação da entrevista, as representações, expectativas envolvidas e relações entre entrevistado e entrevistador, interferem e são constitutivas de seus processos e produtos, gerando determinadas características (ZIMMERMANN e SILVA, 2009). Entretanto, a Análise de Discurso não foi o foco dessa pesquisa. Portanto a análise das entrevistas não almejou considerar o porquê das falas – ou o que não foi dito -, e os dados referentes ao uso de RAV foram gerados apenas a partir da análise do conteúdo (MINAYO, 2008) das frases transcritas. Todavia, alguns tópicos relacionados ao contexto de produção das entrevistas foram percebidos, como as reflexões feitas pelos professores motivadas pela participação na pesquisa, e são apresentados a seguir.

Influências do contexto da pesquisa sobre as respostas

Como apontam Zimmermann & Silva (2009), baseados em conceitos da análise do discurso francesa proposta por Michel Pêcheux e por Eni Orlandi¹ no Brasil, durante as entrevistas são geradas expectativas, representações e tensões, que influenciam as falas dos envolvidos. Essas tensões se manifestaram em algumas falas durante as entrevistas, como as passagens abaixo, em que o entrevistado manifesta sua preocupação em relação a proporcionar um bom material para análise:

É, eu tô preocupado em eu falar alto aqui né, e olhando pro telefone... (E)

¹ ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996. 150 p. _____ **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas, Ed. Pontes, 5ª ed, 2003. 100 p.

É, não tem microfone... (pesq.).

Então acaba sendo melh... mais interativo. Tá, eu tô vendo que vai ficar ótimo essa fita. (E)

Além disso, estes autores sinalizam a presença do mecanismo de antecipação, pois o interlocutor antecipa o sentido que suas palavras produzirão no ouvinte, dizendo de uma forma ou de outra (ORLANDI, 2003, *apud* ZIMMERMANN & SILVA, 2009). Assim,

Esse mecanismo está sempre presente em qualquer relação entre interlocutores reais e/ou imaginários, fazendo com que busquemos nos colocar na posição do outro para nos aproximarmos daquilo que “queremos” ouvir e/ou ler, ou do que “achamos” que o outro quer ouvir e/ou ler. (...) Muitas vezes, essa antecipação está relacionada a uma atitude inconsciente, sem que haja controle dessas expectativas, mas que constitui igualmente o discurso desses sujeitos, no nosso caso, professores. (ZIMMERMANN & SILVA, 2009, p. 6)

Como parte também desse contexto de representações, estes autores explicitam em sua pesquisa o aspecto da

relação de assimetria instaurada entre os interlocutores, que retoma uma relação histórica estabelecida entre Universidade - Escola, quanto às posições ocupadas, no momento das entrevistas, entre entrevistado, professor da escola, e entrevistador, pesquisadora vinculada a uma universidade (SILVA et al., 2006²). E essas posições discursivas devem ser destacadas, por interferir de diferentes formas nas respostas e até mesmo no encaminhamento das perguntas, trazendo à tona o mecanismo de antecipação. (idem)

Este aspecto, entretanto, não foi inicialmente considerado em nossa pesquisa, pois acreditou-se que haveria uma relação horizontal entre os falantes. Todos os entrevistados possuem a mesma formação inicial e experiências de graduação semelhantes às da entrevistadora, e cursaram pelo menos uma disciplina juntos. Além disso, dois deles já possuíam mestrado (não em áreas da Educação), e também três deles trabalham na mesma fundação que a pesquisadora, convivendo presencialmente ou a distância, ocupando cargos iguais ou diferentes.

Contudo, ao longo das entrevistas foi possível perceber falas que sinalizavam tais representações, tanto em relação aos Recursos Audiovisuais, como à própria situação da entrevista:

Antes, quero que você conte uma... (risos) o quê? (pesq.)

² SILVA, Henrique C.; BAENA, Camila R. e BAENA, Juliana R. O dado empírico de linguagem na perspectiva da análise de discurso francesa: um exemplo sobre as relações discursivas entre ciência, cotidiano e leitura. *Ciência & Educação*. v. 12, n. 3, p. 347-364, 2006.

Vai lá, não, fala... É que é muito engraçado a forma como gente fica conversando... tudo arrumadinho, “não, então, não sei o quê...” (risos) (E)

Esta fala do entrevistado aponta para uma mudança na relação entre ele e a entrevistadora, exibida pela forma de tratamento diferenciada. Normalmente, existe uma relação horizontal, sem hierarquia e sem necessidade de tratamento formal. No momento da entrevista, cada um assumiu um papel diferente do já conhecido e uma nova relação foi criada, trazendo com ela a necessidade de criar também uma nova forma de falar, que se torna estranha pela comparação com o já instituído.

Em relação à temática da entrevista, Zimmermann & Silva (2009), em sua pesquisa de mestrado sobre práticas de leitura dos professores, apontam que

durante as formulações das questões na entrevista, os professores podem ter atribuído sentidos, como de autoridade e de domínio de conhecimentos sobre leitura, à pesquisadora/entrevistadora, visto que estava desenvolvendo um trabalho de mestrado sobre esse assunto (idem).

De forma semelhante, em nosso trabalho, a pesquisadora desenvolvia um mestrado sobre uso de Recursos Audiovisuais, o que sugere que este tema deve ter sido mais estudado por ela do que pelos entrevistados, gerando algumas expectativas e inseguranças. Isso pode ser exemplificado pela sequência abaixo:

Até deve fazer parte da sua pesquisa. Eu não sei, se vai... (E)

Motivacional! Me sinto mal falando isso, você deve ‘tá pensando assim, “caraca, que desperdício!” (E)

Não! (rindo)(pesq.)

“Imagina, podia fazer várias coisas, assim... por que ele não sabe...” (fazendo voz ‘malévola’) (E)

É, hum... porque tem umas [atividades] que eu não planejei né?! Tenho que falar a verdade. (E)

Esses trechos apresentam falas do entrevistado que demonstram a representação de autoridade que existe em relação à entrevistadora. Na opinião dele, por ter um conhecimento diferenciado do assunto, ela ouve criticamente o relato da prática feita. Também está claro o mecanismo de antecipação, quando o entrevistado desabafa: “você deve ‘tá pensando assim”, ou seja, se coloca no lugar do outro, e imagina o que ele deseja ouvir, mesmo que esta atitude seja inconsciente (ZIMMERMANN & SILVA, 2009). Neste caso, a reflexão em relação a tal assimetria foi explicitada pelo entrevistado.

A situação da entrevista, além de gerar expectativas, tensões e representações, parece também ter motivado algumas reflexões nos entrevistados. Algumas perguntas levaram à percepção pessoal de que determinadas questões não estavam claras, trouxeram memórias, ou mesmo suscitaram ideias para prática.

Você chega a fazer algum comentário, assim, em relação à produção do filme, ou falar que aquilo é um... Assim, conversar sobre o filme em si, não sobre o que ‘tá passando no filme? (pesq.)

Não. Isso é uma coisa boa, que eu nunca pensei na ideia. Não, eu nunca falei. (E)

É, vou questionar isso, porque são umas perguntas deles, então é um negócio que... É uma coisa interessante a se observar. (E)

Pô, eu tinha até esquecido desse negócio. Eu realmente pensei nisso, mas eu esqueço. (E)

Não, nunca vi nenhum, nunca nenhum aluno me indicou nada da televisão. Isso é estranho né? (E)

A última fala é finalizada com uma pergunta que pode indicar falta de confiança e/ou a busca por uma confirmação por parte da pesquisadora, que possuiria conhecimento relativo à prática devido à pesquisa feita, ou mesmo uma conversa entre pares, já que compartilham a profissão. Ambas as possibilidades apontam para a necessidade de momentos de compartilhar ideias e práticas.

As reflexões geradas ocorreram mesmo antes do evento propriamente dito, havendo falas manifestando pensamentos que surgiram a partir do convite para participar da pesquisa:

Pô, isso é uma coisa que, quando você falou que ia me entrevistar, aí eu fiquei pensando nisso. (E)

Além das falas que sugeriam reflexões geradas pela entrevista, a pesquisa como um todo parece ter interferido na / influenciado a prática docente dos sujeitos. Desde o primeiro contato realizado, recebi comentários pessoalmente ou via internet, com referências ao uso de recursos audiovisuais. Falas como “lembrei de você essa semana, usei um vídeo” foram frequentes. Mas além delas, outros comentários foram mais marcantes, como “desde que você falou da pesquisa, estou usando mais vídeo” ou “estou pensando mais nisso”. Reflexões como esta também apareceram nas entrevistas, como em trechos abaixo:

Agora eu uso, eu uso mais, depois que você fez aquela primeira entrevista. Eu passei a perceber que fazia efeito, assim os alunos. (Q)

Esta professora respondeu ao questionário inicial que raramente utilizava vídeos, e durante a entrevista relatou o uso frequente de RAVs. Percebemos então que desde o primeiro momento em que foram convidados a participar da pesquisa, os sujeitos iniciaram uma reflexão sobre a temática.

Até na tua pesquisa, você falou, fiquei pensando, depois que eu respondi o questionário, que tem vários tipos de filmes que tratam de coisas ligadas a ciências, que dava para aproveitar um pedacinho do filme, aí o outro pedacinho do outro. (E)

Além disso, as situações das entrevistas levantaram questões não antes pensadas, o que pode ter iniciado outras reflexões. Algumas falas sinalizaram a falta de reflexão sobre a própria prática, realizada sem pensar ou avaliar o motivo do que é feito, como sugere a primeira fala abaixo:

*Quando você escolhe um vídeo, que critério, assim você usa, você acha mais importante? O que que você pensa? Principalmente pra ver se o vídeo é adequado ou não, o que que você vai usar? (pesq.)
Não sei... (Q)*

E como isso foi pra sua sala de aula? (pesq.)

... (Q)

De você ter tido esse costume de ver, “O mundo de Beackman”, TV educativa... ter visto muita TV? (pesq.)

Ai num sei. Num sei, como isso foi, eu num sei ... (Q)

Estes questionamentos indicaram que tais reflexões não haviam sido feitas anteriormente, mas puderam ter início no momento da pesquisa. Essa percepção aponta para a importância de episódios ou vivências de pesquisa realizadas com ou pelo corpo docente, possibilitando a geração de conhecimento e reflexões sobre a prática, como salientado por Vianna e Carvalho (2001). Os próprios professores sinalizaram esta deficiência, como aparece na fala abaixo:

Depois você vê umas referências bibliográficas, uns programinhas bons pra pegar o filme e transformar em pedacinhos de quinze minutos, eu tô aceitando... (risos) (E)

O professor identifica lacunas em sua prática e sabe que a solução pode estar disponível, mas desconhece as formas de obtê-la. Observa-se também a necessidade e a vontade de instrumentalizar-se e aprimorar a prática, apontando para a formação continuada como essencial para abordar elementos ausentes na graduação e aqueles percebidos somente na prática, como sugerem Gil-Peréz e Carvalho (2006).

Considerações finais

As conclusões deste trabalho ainda são preliminares e carecem de um aprofundamento do referencial de análise. No entanto, a observação do processo de interação entre os participantes durante as entrevistas, além de algumas mudanças de percepção por parte dos sujeitos em relação à sua prática docente com RAV, permitiu refletirmos sobre a influência do contexto da pesquisa nos relatos e na própria prática.

Inicialmente esta influência havia sido negligenciada, pois se acreditava que havia uma relação de igualdade entre os participantes, entrevistadora e entrevistados, tendo sido somente previstas variações nas formas das perguntas e sua ordem. Contudo, a atenção dada a esta questão, permitiu percebermos que foram geradas expectativas e tensões, e que o mecanismo de antecipação esteve presente, influenciando as falas. Foram identificadas a preocupação dos entrevistados em responder o que seria esperado e em produzir um bom material para a análise, bem como a geração de uma relação assimétrica, em que o entrevistador domina um saber e o entrevistado – além de analisado – tenta “aprender” com ele. Assim, podemos compreender a grande importância de trabalhos sobre metodologia de pesquisa em educação em ciências, já que este tipo de trabalho pode nos apontar outros caminhos, cuidados e reflexões para a abordagem dos sujeitos e para a tomada de dados empíricos.

Além disso, foram relatadas novas construções cotidianas, tentativas diversas de responder a questionamentos motivados pela oportunidade de observar o próprio trabalho. Por isso, acreditamos que episódios como esse sejam também formativos, e que os sujeitos “pesquisados” também atuam como produtores de conhecimento, práticas e saberes com a realização da pesquisa.

Referências

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano I: Artes do fazer**. 15ª ed. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. (1ª edição, 1994)

GIL-PÉREZ, D. & CARVALHO, A. M. P. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**, 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 4, p. 215-234, 1991.

VIANNA, D. M.; CARVALHO, A. M. P. Do fazer ao ensinar ciência: a importância dos episódios de pesquisa na formação de professores. **Investigações em Ensino de Ciências** (Online), Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 01-22, 2001. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo_ID71/v6_n2_a2001.pdf> acessado em: outubro de 2008

ZIMMERMANN, N. & SILVA, H. C. O mecanismo de antecipação aplicado à análise discursiva de entrevista: um exemplo sobre a produção de discursos de professores sobre leitura no ensino de ciências. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação Em Ciências, 7., 2009, Florianópolis. **Atas do VII ENPEC**. Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009.